

Por Gustavo Dahl*

1. Na história da formação da cidade, a *polis* grega, há um momento fascinante. É quando o mistério, o contato com o transcendente, o divino, o inefável, sai do palácio real e vai para a praça. O templo deixa de ser espaço exclusivo ao qual só o monarca tem acesso, o segredo não é mais uma propriedade. Fora dos muros que o separavam do povo, o templo socializa o mito. A primeira dimensão democrática é metafísica: diante do indizível são todos iguais. Reis, magistrados, filósofos, guerreiros, poetas, mulheres e até escravos. Orações, rituais, invocações, oferendas, profecias constituem aquela porção indispensável de esperança, sem a qual este intervalo infinito entre a vida e a morte se torna insuportável. O contato com o indizível não é um fenômeno de classe. Cristo explica.

Se André Bazin, na primeira de suas grandes *boutades*, pôde distinguir nas técnicas de mumificação do antigo Egito a origem da imagem fotográfica, é possível imaginar nos rituais religiosos da jovem Grécia, a origem do cinema. As celebrações dionisíacas, êxtase e transgressão, ausência de limites entre o sagrado e o profano geram o teatro, que fixado pela imagem em movimento e visitado pelo romance, vira filme. Necessidade humana, demasiadamente humana, de ligar-se a uma vida maior que a própria vida. Enfim, o cinema.

2. Não há precedente de concentração de seres humanos em escala tão grande como acontece hoje nas grandes cidades. São

Paulo, Nova Iorque, Tóquio, Cidade do México, Buenos Aires, Paris, Londres. Milhões e milhões de homens e mulheres vivendo juntos, sem saber no que vai dar. Um vôo cego, (in)experiência. Tenochtitlan ou Roma devem ter sido, em seu momento, gigantescas. Nada que supere, porém, este fenômeno desconhecido, inédito, de conseqüências imprevisíveis: a grande cidade. A inconsciência de lançar-se, assim, desprevenido, a um tipo de organização social do qual não há memória foi punida com a violência previsível. No famoso experimento de laboratório em que os ratos se multiplicavam indefinidamente – um clichê – a superpopulação gerava agressividade crescente na disputa por fêmeas e comida. O poder. A multidão é sempre feroz. Recentes pesquisas acabam de demonstrar, porém, que os ratos também sonham. E como nós, devem sonhar desejos e temores. No inferno/paraíso da megalópolis até eles se permitem o acesso desregulado ao imaginário, ao inconsciente. Mecanismo de compensação, de desrecalque. O cinema, enfim.

3. Em sessenta anos, tempo de vida de minha geração, inverteu-se no Brasil a relação entre a população urbana e a rural. Em 1940, oito em dez pessoas moravam no campo. Como diz Cacá, a cidade era o paraíso e o campo, a provação. Exatamente o contrário do que acontece agora, todos querendo fugir para uma chácara, como já fazia a aristocracia romana quando se aborrecia ou caía em desgraça. Darcy Ribeiro sustentava que esta inversão dramática trouxe para a cidade

multidões tecnicamente despreparadas para a vida urbana. Sua habilitação era rural e não encontraram nas cidades um aparelho educacional que lhes servisse de ponte entre as duas culturas. Nos últimos trinta anos aumentou o tempo de estudo de brancos e negros, mas a diferença de escolaridade entre uns e outros se manteve a mesma. Deu no que deu, uma periferia miserável agoura os bairros onde se concentram o verde e a renda. Na falta de justiça social, a desconcentração compulsória se dá por meio de furtos, assaltos, assassinatos e tráfico de drogas. Drogas que, aliás, ocupam o lugar do cinema. Sobretudo o álcool: sem saber o que fazer, na falta de lazer, vai-se ao boteco. Para depois comprar por cinco ou dez *real*, uma trouxinha de pó branco com resquícios de cocaína. Existe, deu no jornal, em algum canto perdido de favela paulistana, um cinema com paredes feitas daquele mesmo plástico preto de que se servem os sem-terra para montar seus acampamentos. Sala escura, banco duro. Seu animador, caixa e projetorista, cobra um real para ver um filme em vídeo, projetado. Vive cheio. Quando passou *Titanic* cobrou R\$1,50. O cinema, enfim, para todos.

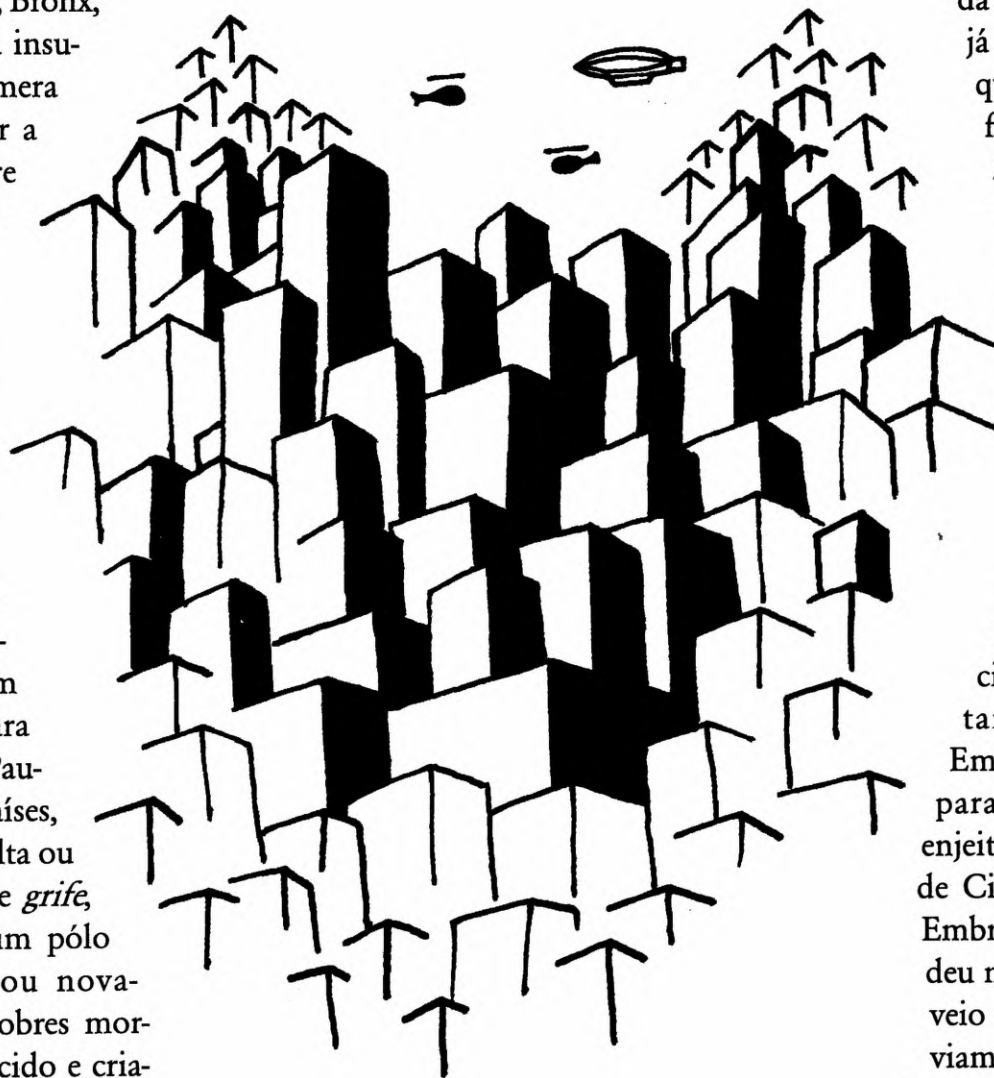
4. Cidade e cinema não viveriam um sem o outro. A invenção sem futuro e os arranha-céus do futuro nasceram um século atrás, praticamente juntos. O cinema era a viagem antes das viagens. Por ele reconstruímos em nossa memória as cidades imaginadas. Nova Iorque/Griffith, Paris/Feuillade,

Roma/Rossellini, Londres/Hitchcock 1º fase. As cidades se refaziam através dos filmes, mito gerando mais mito. Chicago será para sempre a moradia de *Scarface*. Na década de 70, *all over the world*, não se encontrava nova-iorquino que não tivesse obsessivamente um só discurso: o horror de viver na ilha de Manhattan e adjacências. Brooklin, Bronx, Queens, a tensão social se tornara insuportável. Qualquer semelhança é mera coincidência. No esforço de curar a cidade, capital do mundo, entre outras medidas, flexibilizaram-se as permissões de filmagem. O uso da imagem enquanto ferramenta de restauração. Depois da denúncia, a celebração, da qual Woody Allen é o maior arauto. A versão não extingue o fato, mas parecer já é um caminho para ser.

Cidade-estado são as metrópoles hodiernas, não as medievais. Tanto é verdade que terminam invadindo as regiões vizinhas para se transformarem na Grande São Paulo, Grande Rio, etc. E como os países, a cidade-estado tem auto-estima, alta ou baixa. É mais que uma questão de *grife*, *design*, marca ou moda. Ela é um pólo cultural: o nativo parisiense ou nova-iorquino sente-se superior aos pobres mortais de passagem por ter sido nascido e criado naquele caldo de cultura, fluxo superior de informação. No Café de Flore, Sartre fumava e escrevia, no bar do Warwick Hotel, Humphrey Bogart corria atrás daquelas duas ou três doses por cuja privação o mundo se atrasava. Praça da Bastilha, Revolução Francesa. Wall Street, crise mundial de 29. Gente fina é outra coisa, se embebedando, falindo ou cortando cabeças. Somos o que somos

mais os signos que acumulamos. São Paulo nunca será a mesma depois da poesia concreta, das bienais, de *Sampa* e do neon-realismo. Mais uma vez, enfim, o cinema...

5. A prefeitura de São Paulo tem uma



responsabilidade histórica na cena política, como diria Manoel Rangel, do cinema brasileiro. No final dos anos 50, a criação do Prêmio Adicional de Renda do Município de São Paulo, destinado a filmes brasileiros, introduzia entre nós o conceito de suplementação de mercado. É válido até hoje. Nasceu de uma campanha que reuniu o pró-

americano Flávio Tambellini ao franco brasileiro Paulo Emílio Salles Gomes. Por meio deles, tanto Assis Chateaubriand quanto os Mesquita, arquiinimigos, subitamente se viram participando desta frente ampla. Depois veio o Prêmio Saci, a Comissão Estadual de Cinema, e em 61, o Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica. Jânio já tinha renunciado? Pedro Lima, que com Adhemar Gonzaga havia feito a revista *Cinearte*, nos anos 20, dirigia então o Instituto Nacional de Cinema Educativo. O INCE, sobrevivência dos tempos de Roquette Pinto, que desde o advento do rádio achava que os meios de comunicação tinham um papel a jogar no desenvolvimento brasileiro. Por conta da movimentação política cinematográfica vinda de São Paulo, perdeu o "E" e virou o INC, com Tambellini na presidência e Jacques Deheinzelin na secretaria-executiva. Dele brotaria a Embrafilme, que depois o engoliu, para parir, em seguida, um pouco enfeitadamente, o Conselho Nacional de Cinema. Roberto Farias foi para a Embrafilme, fez-se uma distribuidora e deu no que deu. No duro, de fato, tudo veio da Rua Sete de Abril, onde conviavam os Diários Associados, o barzinho do Museu de Arte Moderna, o Museu de Arte de São Paulo e a Cinemateca Brasileira, que em 58, aliás, pegou fogo.

Com a palavra a Senhora Prefeita...

*Gustavo Dahl é presidente do III Congresso Brasileiro de Cinema.